

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A POSIÇÃO DOS VERBOS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA ANÁLISE DESCRITIVA A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE SURDOS

Sofia Oliveira Pereira dos Anjos Coimbra da SILVA (UFG)

**Resumo:** Este estudo apresenta uma pesquisa acerca da posição dos verbos nos turnos de um diálogo entre surdos. Para isso, recorreremos à análise descritiva da Libras, reconhecendo a interação dialogada como instrumento textual, e à base teórica semântico-sintático para a análise dos dados documentados. Nossa análise descritiva privilegia a visão tipológico-funcional, uma vez que nossa hipótese é de que a posição dos verbos é preferida em determinados textos por fatores pragmáticos inerentes e não derivada de uma ordem básica subjacente. Para identificar os verbos nos turnos, nos valem das bases teóricas de composição sentencial simples e da semântica prototípicas dos verbos segundo Givón 2001. Os verbos apresentam posição final quando os turnos contêm predicções que relacionam elementos que representam mudança de localização e informações aspectuais e descritivas das entidades relacionadas. Os verbos apresentam posição medial e inicial quando tais predicções têm base articulatória ancorada ao corpo, ou seja, a posição do verbo seguirá o modo composicional do predicado inserido no turno. Entretanto, predicadores verbais de representatividade com expressão simultânea inviabiliza a indicação de uma posição. A posição dos verbos na Libras é uma consequência da influência pragmática sobre a estrutura semântica e sintática das unidades apresentadas por turnos no diálogo analisado.

**Palavras-chave:** Funcionalismo. Tipologia. Verbos. Posição.

## Considerações Iniciais

A conversação constitui-se uma forma de comunicação espontânea. Diálogos entre pessoas produzem contextos profícuos para a análise linguística. Porém a descrição linguística de Línguas de Sinais – LS, nem sempre focalizou o texto diálogo como objeto de estudo. Por mais natural que seja uma conversa, há inúmeros processos mentais espelhados de forma organizada a fim de expor de sentidos num elo necessário de interlocução entre o locutor e seu interlocutor. Nesse terreno fértil de fenômenos, o diálogo, escolhemos analisar descritivamente nosso fenômeno – a posição dos verbos.

A descrição de línguas é uma modalidade de pesquisa que objetiva contribuir diretamente para sistematizar os processos linguísticos. Uma vez identificados esses processos alimentam o registro e o ensino da língua, que aliado a metodologias competentes serão capazes de formar linguistas, docentes, tradutores e intérpretes a

reconhecer tais processos e escrutinando a habilidade de utilizar linguagem para interagir no mundo.

Dessa forma, o presente estudo, intitulado “Considerações sobre a posição dos verbos na Língua Brasileira de Sinais: uma análise descritiva a partir de diálogo entre surdos”, é um estudo descritivo da posição dos verbos na Libras e constitui-se parte da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, defendido em 04 de dezembro de 2015. Nosso olhar se detém sobre os aspectos semânticos e sintáticos que envolvem as noções construções regidas por verbos, e como os usuários da língua organizam a sequência verbal ao longo do diálogo.

Estudos sobre a posição e organização dos elementos de uma frase ou sentença evocam estudo sobre a ordem desses elementos e sua lógica de organização. A exemplo disso já há pressupostos sobre a existência de uma ordem básica para LSB (Língua Brasileira de Sinais) por Quadros (1999), que propõe S (Sujeito) V (Verbo) O (Objeto) como ordem básica, e demais ordens encontradas como derivadas dessa ordem básica. Outros estudos apontam SOV na DGS (Língua de Sinais Alemã), e na LIS (Língua Italiana de Sinais), conforme argumentam Cecchetto, Geraci e Zucchi (2009).

Porém, nesse artigo nossa proposta é apresentar como identificar a sequência verbal de acordo com os pressupostos de Givón (2001) e como os verbos em LSB se posicionam no diálogo analisado. A partir da identificação é possível considerar como os usuários da língua posicionam os verbos e a relação dessa organização sintática com a proposição semântica intencionada pelo usuário da língua, que segundo Givón (2001) se apresenta com isomorfismo entre a estrutura semântica e a estrutura sintática.

Nossa opção pelos pressupostos de Givón (2001) se justificam por posicionar nosso estudo sob a visão funcionalista de concepção e análise de língua. Por este motivo a escolha do fenômeno, a análise e as considerações apresentadas foram baseadas nessa perspectiva.

## **Funcionalismo**

O fenômeno da linguagem é instigante e tem sido objeto de reflexões desde muito antes da existência da ciência linguística. O estudo da comunicação humana por meio das

SILVA, SOFIA O. P. A. C., CONSIDERAÇÕES SOBRE A POSIÇÃO DOS VERBOS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA ANÁLISE DESCRITIVA A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE SURDOS. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15

línguas é o objeto de estudo dos linguistas. Assim, ao longo do tempo, muitos estudiosos debruçaram-se sobre os fenômenos de língua e linguagem. A dedicação ao estudo científico proporcionou perspectivas diferentes sobre a comunicação, a linguagem e a língua.

A linguística funcional tem como pressuposto teórico a proposta de entender o funcionamento do sistema linguístico, com base em dados da língua em uso. Portanto, a análise deve ser realizada em dados obtidos de contextos discursivos de interação social. Estes dados associados ao contexto de enunciação resultam na compreensão da natureza das línguas. Para este fim, linguistas funcionais estudam as relações (funções) que os falantes estabelecem entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação social (NEVES, 1997).

A seguir, apresentamos as posições antagônicas entre os paradigmas funcional e formal, formuladas por Dik (1987, p. 81-82), sintetizadas e adaptadas por Neves (2004, p. 47), no Quadro 1, a seguir:

	<b>Paradigma Formal</b>	<b>Paradigma Funcional</b>
<b>Como definir a língua</b>	Conjunto de orações	Instrumento de interação social
<b>Principal função da língua</b>	Expressão dos pensamentos	Comunicação
<b>Correlato psicológico</b>	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua
<b>O sistema e seu uso</b>	O estudo da competência tem prioridade sobre a atuação	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso.
<b>Língua e contexto/situação</b>	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.
<b>Aquisição da linguagem</b>	Faz-se com o uso de propriedades inatas, com base em um input restrito e não-estruturado de dados.	Faz-se com a ajuda de um input extenso e estruturado de dados apresentados no contexto natural.
<b>Universais linguísticos</b>	Propriedade inata do organismo humano	Explicados em função de restrições: comunicativas, biológicas ou psicológicas; contextuais.
<b>Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática</b>	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão à sintaxe à pragmática, via semântica	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

**Quadro 1: Paradigma Formal e Paradigma Funcional (S. Dik 1978: 5, retomado e explicitado em 1989a: 2-7. Adaptação de M. H. M. Neves (1994c))**

**Quadro 1: Paradigma Formal e Paradigma Funcional (S. Dik 1978: 5, retomado e explicitado em 1989a: 2-7. Adaptação de M. H. M. Neves (1994c))**

Diante deste enquadramento teórico, nossa opção pela linha funcionalista justifica-se como uma das bases de nosso estudo. Nossos dados foram coletados sob a condição de uso e interação, favorecendo analisá-los, considerando o contexto, as restrições comunicativas, biológicas e conceituais da interação.

Além dos princípios gerais para análise descritiva da língua, consideramos necessário apresentar os princípios específicos que tais estudos estabelecem ao analisar a posição dos elementos nas estruturas.

Discorreremos sobre alguns princípios fundamentais da Gramática Funcional (doravante GF) de Dik (1981<sup>a</sup> e 1989).

O primeiro deles diz respeito aos tipos de estruturas que a GF admite: a estrutura abstrata de oração, chamada subjacente, considerada desordenada, sem a função de espelhar a organização dos constituintes da expressão linguística linear. A estrutura subjacente é vista como uma estrutura relacional, codificada em rótulos funcionais, codificadas por meio de parentetização. Dessa forma, segundo Dik (1989), regras para ordenação dos constituintes atribuem posições da estrutura subjacente na sequência linear em que estas vão sofrendo atualização.

A GF postula ainda, como segundo princípio, a relação entre o traço de ordenação à estrutura subjacente sempre que a expressão é devidamente posicionada para atender às necessidades comunicativas. Não há movimento de posição na expressão como força interna que o produz. Segundo Pezzati e Camacho (1997), o impedimento de regra de movimento tem uma importante consequência:

uma vez que tenha sido atribuída uma posição a um constituinte, ele não pode ser movido para qualquer outra na sequência. Isso significa que todas as diferenças, tradicionalmente descritas em termos de reordenação, inversão, permutam, posposições etc. devem ser tratadas como colocações alternativas que são sensíveis, por sua vez, a diferenças na estrutura subjacente da oração.

O terceiro postulado assume que as línguas naturais não têm uma propriedade que postula a ordenação dos constituintes, antes possuem um mecanismo de expressão superficial que pode codificar relações subjacentes em sequências atualizadas.

Dik (1989) critica o fato postulado por Greenberg (1963, p. 76), de que “um vasto número majoritários das línguas variam entre diferentes ordens, mas uma é dominante” tradução nossa<sup>1</sup>. Afinal, sintetiza Dik (1989), SVO não constituem um tipo unificado e que tal ordem pode inferir poucas correlações de ordem constituintes a partir do conhecimento de que uma língua tem tal ordem.

Segundo a GF, três forças interagem entre si, a fim de manifestar nas línguas padrões de ordem dos constituintes. Estas forças foram relacionadas, por Pezzatti e Camacho (1997), a seguir:

- (i) a preferência por manter constituintes com a mesma especificação funcional invariavelmente na mesma posição estrutural; (ii) a preferência por atribuir certas posições específicas - particularmente, a posição inicial da oração - a certas categorias gramaticais e a constituintes na função de Tópico ou de Foco; (iii) a preferência por uma ordenação de constituintes da esquerda para a direita conforme o grau crescente de complexidade categorial: a posição mais favorável a um pronome é antes de um SN e a de uma oração subordinada, após quase todos os demais constituintes.

Diante destas forças, a GF estabelece alguns padrões funcionais que definem posições que os constituintes podem assumir. Segundo Pezzatti e Camacho (1997) descrevem: i) a GF estabelece alguns padrões funcionais que podem ocupar determinadas posições num estatuto funcional dados; ii) adiciona posições especiais a esses padrões funcionais estabelecendo o tipo de constituinte que pode ocupar aquela posição “especial”; e iii) traduz em princípios universais de ordenação de constituintes (DIK, 1981a).

De posse da visão de análise descritiva que adotamos em nosso estudo, procedemos à base teórica que utilizamos para a identificação dos verbos nos turnos analisados.

### **Verbos e o isomorfismo sintático-semântico de Givón (2001)**

---

<sup>1</sup> No original: “*the vast majority of languages have several variant orders but a single dominant one*”.

Segundo Givón (2001), o verbo é um dos quatro principais grupos lexicais das línguas e deve ser definido por três blocos de critérios: a) os critérios semânticos, que se referem ao tipo de significado que tende a ser codificado pelas palavras que compõem tal classe; b) os critérios morfológicos, que se referem a morfemas, gramaticais e derivacionais, afixados às palavras de determinada classe; e, por fim, c) os critérios sintáticos, que dizem respeito à posição que determinadas palavras tendem a ocupar.

Givón (2001, p. 51) afirma que “o critério mais preditivo são os semânticos”. Essa afirmação levou-nos a considerar os critérios prototípicos de *coherently-bundled* (‘empacotamento coerente’) de Givón (2001), para nomes e verbos. As características prototípicas para verbos, nosso objeto de análise, foram preditivas para nossa análise ao observar o comportamento do sinal ou conjunto de sinais, uma vez que, a classe dos verbos ainda não está clara como categoria lexical para os estudos em LS.

Givón (2001) esclarece que as características semânticas presentes em cada critério exibem fortes associações entre si, de modo que cada característica é parcialmente previsível dentro dos diferentes critérios. Este autor destaca ainda que em cada um desses critérios semânticos pode-se encontrar gradações, de modo que os itens pertencentes a cada categoria se agrupam em termos de “maior” e “menor” prototipicidade. Isso significa que teremos nas categorias, aqueles itens que são ‘mais prototípicos’ e aqueles que são ‘menos prototípicos’ dentro de um mesmo conjunto de critérios semânticos.

A seguir síntese dos critérios para identificação da estrutura semântica dos verbos segundo Givón (2001, p. 52-54):

<b>Crítérios</b>	<b>Descrição</b>
<b>instabilidade temporal</b>	os verbos apresentam instabilidade temporal, uma vez que nomeiam transformações de estados no tempo
<b>complexidade e difusão espacial</b>	os verbos prototípicos, embora menos que os Nomes, apresentam considerável complexidade. Isso se deve, em parte, ao fato de eventos ou ações prototípicas envolverem diferentes participantes.
<b>concretude</b>	os verbos apresentam “as vivências tipicamente adicionadas” pois como verbos, são eventos característicos que envolvem nomes concretos como os participantes. Dessa forma, o verbo codifica “ação” ou “mudança” física ou “deslocamento

	especial” de seus participantes.
<b>compacidade temporal</b>	os Verbos são “temporalmente compactos, mas espacialmente mais difusos”. Isso significa que os verbos são mais espalhados que os nomes. A compacidade temporal dos verbos é apenas uma outra forma de reconhecer sua baixa estabilidade temporal.
<b>agentividade e a atividade mental</b>	muitos verbos prototípicos codificam ações (eventos iniciados por um agente humano ou animado capaz de volição), enquanto que outros verbos envolvem atividades mentais conscientes.
<b>dimensão</b>	Segundo Lima (2012) a <i>dimensão</i> é proposta como o sexto critério semântico para a definição da categoria Verbo. Este critério se revela coadjuvante na tarefa de definir Verbo na LSB. Isso se deve ao fato de a <i>dimensão</i> situar o evento para uma melhor descrição do EsCo.

**Quadro 2: Critérios para identificar os verbos**

Seguindo os estudos de Givón (2001), com relação as estruturas, descrever vários tipos de de construção equivale a descrever os tipos de verbos, ou predicacões na língua. Isso por que os verbos, ou seja, os predicados compõem o núcleo lógico-semântico das construções definindo seu papel semântico.

Cada verbo tem um grupo característico de participantes obrigatórios e os papéis assumidos por esses podem ser: sujeito, objeto direto ou indireto. Assim construções simples são definidas a partir de seus papeis semânticos e papéis gramaticais que relacionam verbos e os participantes gramaticais num estado ou evento. Não há como descrever a sintaxe da construção simples e não fazer referência às relações gramaticais.

Givón (2001, p.106) esclarece nos conceitos fundamentais sobre as construções que apresentam verbos que designam estados, eventos e ações:

Uma proposição pode significar um estado sem um tempo extra envolvido na mudança ou pode ainda, o estado tanto ser durativo ou permanente, ou ainda ter uma duração intermediária. A proposição também pode significar um evento envolvendo uma mudança de um estado para outro através do tempo, podendo esta ser rápida e limitada ou tendo o estado final e inicial distintos após a mudança. Pode ainda ser lento e sem limites. Quando um evento é deliberadamente iniciado por um agente ativo estes eventos se constituem ações, ou seja, um evento com agente ativo é um evento de ação.

Segundo Givón as proposições obedecem ao padrão de isomorfismo, ou seja, diferentes predicacões (relações) entre o predicador (verbo) e seus argumentos produzem diferentes tipos de construções que seguem uma lógica de formas correspondentes entre as proposições semânticas e a organização sintática da cláusula. O quadro a seguir sintetiza a tipologia de Verbos e suas respectivas estruturas argumentais:

	<b>Tipo de Verbo</b>	<b>Tipo de Cláusula simples</b>
<b>Estado ou evento - fenômenos</b>	Verbos <i>Dummy</i>	Sujeito não humano – sem Objeto
<b>Estado permanente ou temporário</b>	Verbos copulares	Sujeito-paciente ou sujeito-dativo do estado – sem objeto
<b>Estado, evento ou ação</b>	Verbos Intransitivos	Sujeito: Agente – Dativo – Paciente do Estado – paciente da mudança de Estado (processo)-sem Objeto
<b>Evento</b>	Verbos Transitivos	Sujeito: Agente impacta o Objeto por criar/destruir/mudar condições físicas/mudar localização física/mudar condições de superfície físicas/mudar qualidades internas /mudar a forma por incorporação/mudar por incorporar instrumento/mudar por incorporar localização. Com Objeto Direto
<b>Evento</b>	Verbos Intransitivos com Objeto Indireto	Sujeito: Agente ou paciente. Objeto Indireto precedido por elemento adposto.
<b>Evento</b>	Verbos com cláusula complementar	Sujeito, Objeto Direto e Objeto indireto
<b>Evento</b>	Verbos múltiplos membros	Sujeito e Objeto direto ou Sujeito e Objeto Indireto

**Quadro 3: Classificação de Verbos e cláusulas simples por Givón (2001 p. 117 – 161).**

### **Análise dos dados - Turnos e as posições dos sinais verbos**

O particionamento do diálogo ocorreu por turnos. Cada turno foi analisado quanto à seu início e fim e, quando longo, analisamos sequências entre pausas de sentido e/ou dos interlocutores. As posições dos turnos 1 e 2 não foram analisados por constituírem sentenças interrogativas. Mesmo assim as incluímos em nossa transcrição por uma questão de contexto. Iniciamos a análise do turnos T3.R.



**Posições dos sinais-verbos nas sentenças envolvendo verbos de localização e movimentação e uso do espaço.**

Os turnos T3-R e T4-E são apresentados a seguir:

**Turno T3-R**

EU 1-9-6-5
"... eu {saí do INES e vim para Goiânia em} 19...65.."
Agt – (V) – T
(S-(V) - )

**Quadro 4.d: Turno T3 – R**

**Turnos T4-E**

DEIX@ VI@
"... {você} deixou {o INES} {e} veio {para Goiânia}..."
(SV– VO / SV – VO)

**Quadro 4.e: Turno T4 – E**

Os turnos T3-R e T4-E (quadros 4.d e 4.e), apresentam uma correspondência com os turnos T1-R e T2-E sobre os estabelecimentos do espaço de sinalização. Apesar da glosa de apenas dois sinais, os REFER<sub>Inês</sub> e REFER<sub>Pestozzi</sub> são os loci de realização tanto da saída do agente do Rio como de sua vinda para Goiânia. Os verbos utilizados em sequência são verbos de evento-locativo DEIXAR, e verbos de evento-locomoção: VIR prototípicos de cláusulas transitivas com OD ou OI (Givón, 2001). Segundo Quadros (2004) esses verbos na Libras são verbos de concordância (CC), apresentando referência à localização de onde o agente ‘deixa’ e a partir de onde ele ‘vem’.



**(4.6a)**

**(4.6b)**

**(4.6c)**

**(4.7d)**

**(4.6) DEIXAR VIR**

"... {você} deixou {o INES} {e} veio {para Goiânia}..."

**Figura 4.6: T4-E**

Sequências tais como 4.6 apresentaram maior iconicidade espacial. O olhar marca o agente pois no turno anterior T2-E havia apontado sobre a localização de seu interlocutor. Como as informações se encontram espacializadas, os argumentos dos predicados não precisam ser explicitados por sinais lexicais, nesse caso a apontação ‘VC’, ‘Lá’. O espaço absorve essas localizações e simplifica a estrutura gramatical necessária à línguas faladas.

Givón (2001, p. 137) ao apresentar isomorfismo sintático-semântico nas sentenças, mostra que, nas línguas, os itens lexicais se estendem metaforicamente e ainda desenvolvem sistemas complexos de preposições para se referir as direções de movimentos e posições espaciais. No Inglês, por exemplo, marcação de caso locativo é eficiente em codificar o sentido do espaço e a direção da informação. As LS exploram a direcionalidade, a trajetória e os espaços ao redor do corpo para a expressão de seu sistema de

Outra posição identificada nos nossos dados para sentenças que explora a iconicidade do espaço foi a ordem Pat – Agt – V (SOV). Em 4.7 apresentamos a unidade de turno completa. Desta vez a sentença possui uma representação e finaliza com um sinal verbo de movimento mental.

#### Turno **T6-E**

<b>PRIMEIRA-VEZ</b> <sub>a1b</sub> <b>PRÉDIO-ALTO</b> <sub>a1b</sub> <b>OBSERV@</b> <sub>b3x</sub> ... <b>ADMIR@</b> <b>SURDO</b> <b>SINALI@</b> <b>BOBO</b> DM [...] <b>SURDO</b> <b>ELES-[TODOS]</b> <sub>a+b</sub> <b>GRUPO-JUNTO</b> <sub>a+b2x</sub>
<i>{pela} primeira vez observei a Pestalozzi {era um prédio alto}... {Lá dentro} vi surdos sinalizando {tinha} bobo, deficiente mental (DM) {e....} surdos... todos juntos num só grupo.</i>
T – (Agt) + Pat +V – ((S) O V)

**Quadro 4.f: Turno T6 – E**

A sentença em 4.f apresenta uma ordem pouco frequente em nossos dados, a ordem SOV. Essa sentença se configura por ser uma das três representações presentes nos dados. O seu núcleo lógico é o verbo de atividade mental de atenção.

Segundo Liddel (1980) as sentenças que tendem a mostrar essa ordem são as que apresentam verbos descritivos, pois são altamente icônicas. A sentença em 4.f apresenta igual grau de iconicidade por ser uma representação do primeiro momento que o interlocutor adentra sua escola nova. Por representação o interlocutor primeiro descreve o local em sua perspectiva de criança que contempla um prédio alto num lugar desconhecido e após isso apresenta o verbo que preenche sua atividade mental e corporal.

Esse dado sugere que sentenças que envolvam localização e um verbo de atividade mental em que o objeto descrito, ocupa a posição medial e o corpo do sinalizante seja o sujeito não explícito na primeira casa argumental terá o verbo na posição final.

A seguir segue em 4.g quadro ilustrativo das sentenças que apresentaram verbos de locomoção e movimento espacial e suas respectivas ordens.

<b>Turnos</b>	<b>Sentenças</b>	<b>Ordens</b>
T4-R	<b>DEIX@ VI@</b>	S V – S V
T5-E	<b>VI@ [SIM]...</b>	(S) V O
T6-	EU...[EI]... EU <b>MUDA@ GOIÂNIA</b> 1960.	S V O
	<b>ENTRAR PESTALOZZI<sub>a</sub> GOIÂNIA-DAQUI PRIMEIRA-VEZ<sub>a</sub> AULA MEU IRMÃO .J<sub>b</sub> JUNTO-IR<sub>a</sub></b>	(S) V O O SVO
	<b>AULA PRIMEIRA-VEZ<sub>a1b</sub> PRÉDIO-ALTO<sub>a1b</sub> OBSERV@<sub>b3x</sub> ..... OBSERV@-ADIMIR@ SURDO SINALI@: (1) BOBO (2) DM [...] (3) SURDO ELES-[TODOS] <sub>a+b</sub>GRUPO-JUNTO<sub>a+b2x</sub></b>	S O V
T8-	VEJA [ENTÃO] <b>PESTALOZZI<sub>a</sub> EU ENTRA@</b>	O S V
	<b>EU<sub>2x</sub> PESTALOZZI<sub>a</sub> LARG@<sub>a</sub> ENTR@ ESCOLA OUVINTE RÁPIDO 5-SÉRIE 6-SÉRIE AGORA 6-SÉRIE EU PAR@</b>	[S] O V O

**Quadro 4.g: Sentenças de verbos de locomoção e movimento e o uso do espaço**

### Posições dos sinais verbos nas sentenças envolvendo verbos de cognição e ancorados ao corpo.

Prosseguimos nossa análise agora por detalhar como se configura o arranjo dos verbos de cognição, ancorado ao corpo do sinalizador. Para tal vamos apresentar os turnos T5-E

<b>VOCE EU .E. ACOSTUMAD@ [FAZ TEMPO] LEMBR@ EU PACIÊNCIA<sub>a</sub> GRUPO-PEQUENO<sub>b5x</sub> <sub>a↔b</sub>GRUPO-CRESCE@<sub>a↔b5x</sub></b>
<i>Você eu e .E. {estávamos} acostumados.... lembro {isso} faz tempo, andávamos juntos {em} grupo... {e o} grupo cresceu....</i>
(S) V (S V)

**Quadro 4.h: Sentenças de verbos de cognição ancorados ao corpo**

Na sentença em **4.h** notamos que o verbo de cognição é o verbo LEMBRAR. De acordo com Givón (2001, p 153), os verbos que envolvem proposições de natureza de percepção, cognição e interação, denominados PCU (*perceptive, cognição e utterence*), codificam uma cláusula ou sentença complementar que funciona como objeto mental ou atividade verbal retratado na sentença principal.

Notamos a natureza a predicação do verbo LEMBRAR selecionando o objeto como setença complementar. Assim é possível percebemos a disposição Agt – V – (O).

Obtemos então a ordem SVO como ordenando a estrutura sinalizada.

Kimmenlman (2011) observa em seus dados para a RLS (Língua de sinais Russa) que as ordens SVO configuram a a maior parte das cláusulas com verbos simples e espaciais e que a SOV configura estruturas com marcação aspectual em verbos e estruturas com os verbos descritivos. Em nossos dados isso também se manteve para os verbos simples e a maioria dos verbos espaciais.

Segue um quadro **4.i** com os verbos simples ancorados ao corpo e àqueles que usam o espaço neutro de sinalização sem a indicação de referentes no discurso.

Turnos	Sentenças	Ordem
	LÁ [É] LÁ CIDADE? PESTALOZZI LÁ EU <u>ENCONTR@</u> VOCÊ <u>CONHC@</u> -NÃO VOCÊ <u>SINALIZ@</u> [LÁBIOS CERRADOS]	SVO (S)VOV
	VOCE EU .E. <u>ACOSTUMAD@</u>	SV
	[FAZ TEMPO] <u>LEMBR@</u> EU [era] <u>PACIÊNCIA</u> <sub>a</sub> GRUPO- <u>PEQUENO</u> <sub>b5x</sub> <sub>a↔b</sub> GRUPO- <u>CRESCER@</u> <sub>a↔b5x</sub> ...A. .B. .C. <u>LEMBR@</u> BOM HOJE [ONDE]?	(S) S V V
	[GRUPO] <u>ESTUD@</u> <sub>2x</sub> <u>APREND@</u> <u>PROGRE@</u> <u>SINALIZ@</u> <sub>2x</sub> <u>SURDO</u> GRUPO- JUNTO <u>MUDAAOLONGODOTEMPO</u> <sub>d3x</sub> <u>AGORA BEM</u> [PRONTO].	(S) V (S V)
T7-	<u>(EU) AGRAD@</u> LINGUA DE SINAIS BOM <u>OLH@</u> <u>AUMENT@</u> HOJE [ <u>estou</u> ] <u>ANIMA@</u>	(S) V O
T9-		S V O

	SEMPRE EU OLHO VI@ <sub>3x</sub> EU <sub>2x</sub> OLHO VI@ VOCE-OLHO ..... <b>EU OLHO VI@ ANOS<sub>2x</sub></b>	

**Quadro 4.i: Sentenças de verbos de cognição ancorados ao corpo e suas ordens.**

### **Considerações finais**

O presente artigo buscou analisar a posição dos verbos nos turnos do diálogo entre surdos a partir do estudo do núcleo semântico lógico das estruturas sintáticas: o verbo.

Norteadora da análise, a perspectiva funcionalista nos conduziu a focalizar nossa atenção a partir das funções e mecanismos cognitivos que os falantes aplicam inerentemente ao uso da língua. Assim, apresentou-nos uma definição de ordem com base nas intenções interativas que os falantes aplicam na comunicação. Assim a ordem dos elementos neste viés privilegia as influências pragmáticas e semânticas sobre a organização das sentenças nas línguas.

A perspectiva tipológica mostrou um quadro diversificado quanto à ordem encontradas nas LS já pesquisadas nos apresentando algumas noções do que seria possível encontrar na Libras, língua que compartilha os mesmos mecanismos cognitivos, articulada a partir do corpo para o espaço de sinalização.

A Libras classificada como língua de ordem básica SVO nos instigou a analisar seu discurso sinalizado a partir de diálogos entre surdos na busca de uma resposta à indagação sobre a posição dos sinais-verbos no discurso sinalizado.

Com base no modelo de camadas proposto por Dik (1989) e Givon (2001), este estudo nos leva a reconhecer que a estruturação da frase se constitui pelo predicado, que designa relações entre os elementos da estrutura oracional básica, em que os argumentos emoldurados pelo predicado são preenchidos.

Os resultados das análises realizadas em nosso estudo mostram que a posição dos verbos é regida pelo tipo de interação e a composição dos sinais-verbos usados para realizar a predicação na Libras. Nosso estudo sugere a partir dos dados analisados que a posição do sinal-verbo será raramente inicial, predominantemente medial e ocasionalmente final a depender das estruturas construídas de significação. Nos diálogos analisados foi possível constatar que o discurso dialogado apresenta desafios interessantes. É rico nas diversas estruturas que o compõe apresentando a representações, indagações, descrições e

argumentações. Tais fatores apresentam uma rica arquitetura de possibilidades constitutivas das unidades de significado na língua.

As problemáticas não resolvidas neste estudo abrem novos caminhos para análises futuras. Dentre tantas provocações, futuras análises devem levar em conta o balé estrutural que se constitui entre espaço e corpo. Limitado ao seu tempo e escopo, este estudo sugere que as LS podem apresentar uma organização de seus níveis de análise que englobem a configuração do espaço sinalizado e do corpo como sujeito como condutores dos sistemas lógico-semânticos desta e das demais línguas.

As posições do verbo seguem este arranjo e estudos futuros podem revelar contribuições para a sintaxe das línguas de sinais. Este estudo ambiciona contribuir para futuros desdobramentos ligados à descrição da organização gramatical, aos futuros utentes dessa língua nos ambientes de ensino, tradução e uso social da Libras.

## Referências

BAKER, C.; PADDEN, C. A. Focusing on the nonmanual components of American Sign Language. In: SIPLE, P. (Ed.). *Understanding language through sign language research*. New York: Academic Press, 1978. p. 27-57.

CECCHETTO S, GERACI C., ZUCCHI C. *Another Way to Mark Syntactic Dependencies. The Case for Right Peripheral Specifiers in Sign Languages*. In: *Language* 85(2), 1243, 2009.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

DEUCHAR, M. *Is BSL an SVO Language?* In: Kyle, Jim/Woll, Bencie (eds.), *Language in Sign*. London: Croom Helm, p. 69-76, 1983.

DIK, S.C. *Functional Grammar*. Dordrecht/Cinnaminson: Foris Publications, 1981a.

\_\_\_\_\_, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.

SILVA, SOFIA O. P. A. C., CONSIDERAÇÕES SOBRE A POSIÇÃO DOS VERBOS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA ANÁLISE DESCRITIVA A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE SURDOS. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15

\_\_\_\_\_, S. C. *Some Principles of Functional Grammar*. In: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics*, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, pp. 81-100, 1987.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins, Vol. I, 2001.

GREENBERG, J. H. *Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements*. In: GREENBERG, Joseph Harold (Ed). *Universals of Language*. 2. ed. Cambridge: The MIT Press, p. 58-90, 1966 (Primeira edição em 1963).

LESSON, L.; J. SAEED. Word order. In Pfau, R., M. Steinbach & B. Woll (eds.), *Sign language. An international handbook (HSK – Handbooks of Linguistics and Communication Science)*. Berlin: Mouton de Gruyter, 245-265, 2012.

NEVES, M. H. M. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEZATTI, Erotilde Goreti; CAMACHO, Roberto Gomes. *ASPECTOS FUNCIONAIS da ORDEM DE CONSTITUINTES*. DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - PUC-SP, v. 13, n. 2, p. 191-214, 1997. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/28866>>. Acesso: 07 de setembro de 2015.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Editora ArtMed. 2004.

\_\_\_\_\_, R. M. *Phrase structure of Brazilian Sign Language*. Tese de doutorado, Porto Alegre, PUC-RS, 1999.

VELUPILLAI, V. *An Introduction to Linguistic Typology*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

SILVA, SOFIA O. P. A. C., CONSIDERAÇÕES SOBRE A POSIÇÃO DOS VERBOS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UMA ANÁLISE DESCRITIVA A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE SURDOS. In: I Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15